

Léo Prudêncio

Baladas para violão de cinco cordas

APRESENTAÇÃO

Ah, como armar no ar uma figura dessa selva selvagem, dura, forte, que, só de eu a pensar, me desfigura?

AUGUSTO DE CAMPOS

Escrever sobre *Baladas para violão de cinco cordas*, do poeta Léo Prudêncio, é se sentir provocado, pois se trata de poemas singulares e, ao mesmo tempo, desafiadores de um jovem artista que se destaca, no cenário da arte contemporânea, como um poeta de escritura híbrida, que transita em um jogo estético de elos/ecos polifônicos entre poesia, música e composição. Textura, paradoxalmente, incômoda e leve, isto é, uma escritura que se afasta dos modelos gastos e recorrentes em moda de vitrines de *shopping centers*. Nada igual. Ousadia em jogo-invenção de quem não só tem o dom de jogar, mas sabe os truques do manejo de sua arte. E joga sem medo de cair no senso comum, próprios de uma variedade de iniciantes. Rimbaud, também, assim o fez. Prudêncio sabe a trama de sua arte! E trama na tessitura híbrida do contemporâneo.

Prudêncio, aqui, pode ser codinome de *cuidado*, *previdência*, *sabedoria*. Assim, o texto-tessitura prima pela escrita quase matemática, no entanto, repleta de leveza, de dissimulações estéticas, dobradas sobre o ímpeto do desejo poético. Poesia sobre poesia, também, poesia que se pensa e se sente. Enfim, arte em si.

O leitor poderá encontrar, nas páginas do livro, a poesia de estilo visual, embora, não meramente, concreta, pois tem como centro o ritmo sonoro das cordas. Que cordas? De vio-

lão? De signos linguísticos? De ritmos cadentes ou compassos disformes? Palavras-imagens. Palavras-sons. Palavra-filosofia. Poesia-cantiga em movimento tridimensional, criadora do inédito canto lírico das baladas¹ em ritmo de composição musical, feito de cordas-signos-imagens.

A frequência de uma palavra-imagem do poema pode ser notada por meio de parâmetros, referentes ao espaço da folha em branco, na qual signos são montados sob a égide de seus ritmos e de suas formas artísticas: ora prosa-poética-narrada, como canto popular; ora como escrita filosófica que se define em arte-vida; ora como escritura autofágica e/ou meta-poesia.

A maior parte dos poemas-baladas, de Léo Prudêncio, é feita no balanço dos encordoamentos, marcados pela simplicidade ondulatória do corpo poético. A alusão ao violão² de cinco³ cordas, equivalentes às cinco tarraxas de afinação, sugere a aproximação do formato das composições nas quais há a presença dos “trovadores”, músicos de natureza nômade e *performáticos*.

Por outro lado, é significativo observar que, no violão de cinco cordas⁴, a afinação era A-D-G-B-E, exatamente como o violão moderno. Equivalente à cadência rítmica na poesia moderna, uma evolução do ritmo clássico da poesia renascentista,

1 Balada refere-se a diversos tipos de composição musical, composição poética para ser cantada. Na música pop, folk e no jazz, a balada é uma canção com andamento lento.

2 “La guitarra y su História”, Emilio Pujol na sua conferência em Paris, no dia 9 de novembro de 1928, afirma que o violão seria derivado da chamada *Khetara* grega, que com o domínio do Império Romano, passou a se chamar *Cítara* romana. Era também denominada de *Fidícula*. Teria chegado à península Ibérica por volta do século I d.C. com os romanos; este instrumento se assemelhava à *Lira* e, posteriormente foram acontecendo as seguintes transformações: os seus braços dispostos na forma da lira, foram se unindo, formando uma caixa de ressonância, à qual foi acrescentada um braço de três cravelhas e três cordas. O violão era conhecido desde o século VIII, tanto o de origem grega, como o Alatde Árabe, e viveram mutuamente na Espanha.

3 Na idade média, era um fato comum encontrar instrumentos musicais de três, quatro e cinco cordas. A “guitarra de quatro cordas” tinha muita popularidade no século quinze, porém no século dezesseis a guitarra de cinco cordas assumiu posto de instrumento predileto europeu. O primeiro indício de uma guitarra de cinco cordas foi uma gravura Italiana datada do século quinze. O instrumento representado é pelo menos igual em tamanho em relação ao seu semelhante moderno. A sua caixa sonora é um pouco maior que a do violão moderno, e apresenta uma construção refinada que chama a atenção, o que é característico de instrumentos de *luthiers* italianos.

4 O primeiro instrumento musical de cordas que se tem notícias, que chegou ao Brasil, foi a viola de dez cordas – ou cinco cordas duplas – trazida pelos jesuítas portugueses, que aqui chegaram para catequizar os índios e a usavam durante a catequese.

abolindo a sequência: C-F da cadência de afinação, relativas ao tom. Esses aspectos podem ser vistos na *Baladas para violão de cinco cordas*.

Embora a poesia do jovem poeta Prudêncio se compõe do ritmo popular de determinadas cantigas, a expressividade se manifesta por vezes em algumas espécies de prelúdios das composições musicais, reportando aos mesmos traços possíveis por um violão. Vale lembrar que, na música popular, os violões clássicos são utilizados para acompanhamento do canto e a execução, frequentemente, é harmônica. Isso, na poesia do nosso poeta acontece, porém, coesa na pluralidade de vozes. Uniformes? Às vezes! Os acordes são montados com diversos tipos de ritmos e de batidas dedilhadas. O fato é que a palavra mancha o papel, ou melhor, a tela, semelhante ao som que sai do dedilhar do violão.

A aproximação da execução da música via violão de cinco cordas, de tradição clássica, com a poesia, reporta, na música, à linha melódica tocada nas cordas agudas e linhas de baixo, nas quais escalas e arpejos são tocados simultaneamente à melodia principal. Na poesia de Prudêncio, esse arranjo é possível e obriga ao leitor espreitar um jogo artístico, esteticamente, híbrido, porém harmônico.

Com isso, a poesia desse jovem poeta possibilita ser enunciada por meio do toque do violão com o acompanhamento vocal, confirmando o título do livro: *Baladas para violão de cinco cordas*.

Goiânia, 27/08/2019.

Maria Aparecida Rodrigues

por obséquio, toquem a valsa de despedida
dimas carvalho

LADO A

LADO A

Faixas:

1. balada para violão de cinco cordas
2. [sem título] (?)
3. os poetas (poema redundante)
4. a cura (poema de autoajuda)
5. espólio (balada em sol menor)
6. improviso para guitarra com pedaleira wha-wha
7. cantiga lírica moderna
8. duas cantigas trovadorescas encontradas em um caderno de rascunhos
9. infância
10. mais pesado que o céu

balada para violão de cinco cordas

I

essa é a história de chico
mais um dentre tantos
que ardem por justiça
chico era homem casado

(de uma mulher só)

pai amigo enxadrista filósofo e sonhador
cansou sem grandes alardes da vida
dizia que:

– viver é uma atividade repetitiva e cansativa

um belo dia
disse à mulher e aos filhos
que iria se encontrar com deus
no mesmo dia
voltando para casa
ao atravessar a avenida
chico, foi engolido por um caminhão
não resistiu

II

– PSIU!!

reza a lenda que chico
era um filósofo suicida

[sem título]

(?)

I

ando perdido de mim mesmo
esqueci de quem outrora fui
nem ora inteiro
nem ora completo
esqueci de mim mesmo
em alguma mesa de bar...

em algum livro
deve estar escrita a minha estória
mas quem outrora eu fui
e quem agora sou...
what?

II

talvez em algum asilo esteja minh'alma
quem sabe em algum porto
ela deva estar ancorada

começo a acreditar que meu coração foi mesmo
embalsamado...

ando perdido de mim mesmo

III

seria eu
fruto de uma realidade
puramente imaginada!?
seria eu (de fato)
fruto de vidas solitárias?!
não sei se sou de fato
essa ilha rodeada de mar
ou apenas
uma desconhecida constelação solitária
talvez eu seja mesmo
uma ilusão no deserto

IV

será mesmo que existo
porque penso que existo?
será isso que penso viver um sonho?

(eu sou um sonho de um louco vivendo no imaginário?)

eu não existo
nem você
o que somos (se é que somos)
não passa de uma miragem

V

eu:
fruto
de equações
imaginadas
equacionado
pelas ilusões da vida

VI

eu
in-
ex-
isto
em

mim

os poetas

(poema redundante)

I

os poemas são as chaves para se desvendar
a vida e a vida segue o ritmo das ondas do mar
(clichê não?)

as palavras existem para criar mundos
foi com ela que deus criou o seu mundo

por falar em deus
o poeta é um profeta enviado por jah

II

o poeta
mero manipulador da palavra
o poeta
mero desespectador da vida

escrever poemas
é
como soltar
pássaros de suas gaiolas
e
quem compõe poemas
merece o perdão divino

III

!(

a propósito:

foda-se platão e sua república

)!

IV

ser poeta é absorver as dores do mundo
é cavalgar nas palavras
é desconstruir o agouro (h)umano

ser poeta é desacreditar na vida
é fornecer o grito
é formular o descompasso do caminho

V

casar-se com poeta é a pior das penitências
não espere prontidão
de um ser que vivi a mercê da palavra
cuja única desfunção é
se desencontrar na vida

que deus tenha piedade das musas

VII

quem nunca se sentiu como um navio naufragado
além de não ter o dom da poesia
sobre viver nada sabe

A cura

(poema de autoajuda)

a cura vem da alma
da busca e encontro
com a esperança

(ou seria a esperança o começo da utopia?)

a cura vem do mar
banhado de sal e sol
a cura viria também através do amor
se for o amor em forma de liberdade
amor como prisão
é como trancar pássaros

amor...

como no dicionário

amar...

a cura nasce na alma

espólio

(balada em sol menor)

I

tudo o que sobrar de mim
serão palavras impressas¹
tudo o que sobrar de mim
serão os beijos que lancei pelo ar
sobrarão amores
sobrarão temores
sobrarão amigos
e poucas visitas

[2x - refrão]

e você não vai chorar por mim
chorar por mim, chorar por mim
e você não vai chorar por mim

[solo de trompete]

¹ 1 "...tudo que sobrar de mim
é papel impresso.."
[ferreira gullar]

II

de todos os prantos
o teu será o menor
de todas as lembranças
as que deixei contigo
jogarás fora

III

tudo o que sobrar de mim
serão essas pegadas deixadas na praia
que logo logo
serão apagadas
assim como nós

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.



improviso para guitarra com pedaleira wha-wha

I

o que resta de nós são só estórias
espatifadas pelo caminho
enfrentávamos dragões
de cabeça erguida
o que resta de nós são só os sonhos
desconstruídos pelo caminho [2x]

o que resta de nós são só estórias [3x]

II

1. envelhecer é deixar de sonhar
2. quem nunca amou não poderá me entender
3. haverá inspiração no final da vida?
4. a vida é um quebra-cabeça defeituoso
5. sinto falta da solidão a dois
6. a esperança escurece o sol

III

(escreva a continuação do poema)

cantiga lírica moderna

na vitrola: george harrison: *i'd have you anytime*)

I

todas as manhãs ao abrir as janelas
ela recebe o dia sorrindo, assim como também
o dia lhe sorri de volta

ela é elegante: como os solos de george harrison

ela faz meu coração bater
no compasso da bateria de ringo star

II

meus olhos sempre procuram
os dela
sem ela sou apenas um navio
nafragado

III

e se por acaso sozinho eu acabe nessa vida
tentarei não chorar caso veja
teu rosto desenhado ao vento

duas cantigas trovadorescas encontradas em um caderno de rascunhos

I

ai flores, ai flores do verde pino,
se sabeDES novas do meu amigo?
ai deus, e u é?

dom dinis

conte-me pequeno ramo de flores
traz notícias de meu amado
a quem há muito espero
 em meus braços?
sei que as árvores comunicam pelo silêncio
não arredo de minha agonia não dou passos
para trás.

diz-me flores da acácia
por que ouço a voz de meu amado
quando o vento corta por entre teus galhos?
 mas não o vejo
 não o toco
 não o beijo
aquietai-me! ó flores do verde pinho,
sempre que volto pra casa a ausência dele
me devora:
como as cigarras devoram o silêncio das árvores.

II

a mia senhor, que eu sei muit'amar,
punhei sempre do seu amor gaar

joão airas de santiago

não se pede cartas de amor
elas são escritas nas horas
vagas de solidão. o mar
não cabe em minha janela.
eu e você à vontade pela
beira-mar sob a lua nova.

mas quem há de duvidar
o amor é dívida paga na
eternidade. mas depois
que partires, mia senhor,
os dias irão se encurtar
e as noites sem luar irão
também ficar. a saudade
é uma dor que não paira
solta no mormaço do sertão.

infância

(na vitrola: beatles: *in my life*)

I

quando eu era criança
brincava de desenhar
em nuvens
desenhava soldados carros e animais
sempre desejei
subir nas montanhas
só para poder tocar o céu

uma canção toca
enquanto arrisco compor
versos em nuvens

II

existem
os que
duvidam da vida
e
existem
os que
vivem sem viver

III

do que hoje eu sou
muito já se perdeu pelo caminho

In My Life.

John Lennon and Paul McCartney.

(Organ. Registration No. 3)

Moderately

1. There are places I'll re- mem- ber. All my life, though
 2. all these friends and lov- ers, There is no-one com-

some have changed, Some for- ev- er, not for bet- ter. Some have gone and
 pates with you, And these mem- ries lose their mean- ing When I think of love as

some re- main, All these plac- es had their moments With lov- ers and friends I
 some-thing new, Though I know I'll nev- er lose af- fec- tion For peo- ple and things that

still can re- call. Some are dead and some are liv- ing. In my life I've
 went be- fore. I know I'll of- ten stop and think a- bout them. In my life I'll

loved them all, more,
 love you more,
 2. But of
 Though I

D.S. al Coda

Coda

In my life I'll love you more.

mais pesado que o céu

(na vitrola: nirvana: *all apologies*)

I

somos a metáfora de poetas esquecidos
somos a mágoa engolida
somos o farol apagado
somos um rio subterrâneo
somos ruas desertas
somos a lua bêbada
somos a eternidade esquecida
somos o riff da guitarra

(*negative creep*)

somos o alto da colina
somos o infinito
somos a palavra dita no silêncio da noite
...
etc
...

II

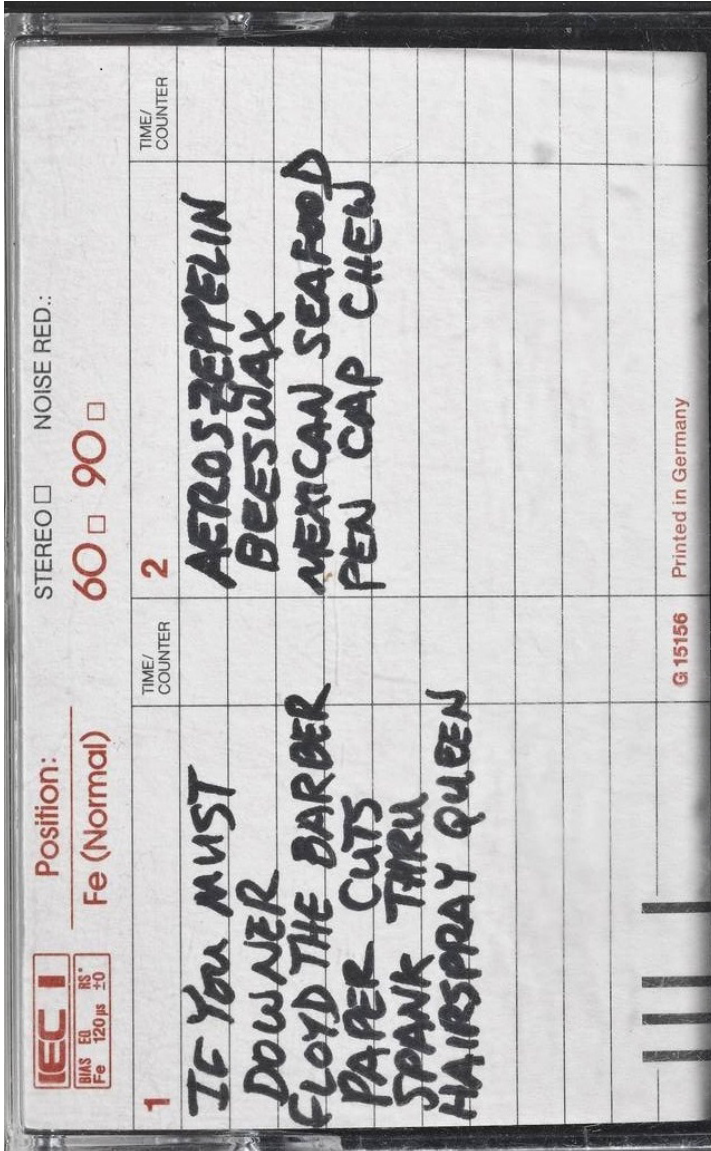
somos o nirvana
em 1989:
mais pesados que o céu

III

vivemos em um lugar
onde os corações são encaixotados
e jogados em um armazém
sem serventia

IV

on track: demo gravada do nirvana em 1988:



V

kurt: 1967-1994

LADO B

LADO B

Faixas:

1. os pássaros
2. horizonte
3. estudo sobre margaridas (rabisco em devaneio sobre ilustração de ed ferrera)
4. concerto nº 1nico em mim maior para palavra e orquestra. poema
5. uma tentativa de tradução por chico
6. o mar (balada em dó menor)
7. dissertação sobre o natal
8. ode à sulamita
9. o poeta está só
10. faixa bônus

os pássaros

I

queria ser um pássaro
e visitar o céu
e ver o mundo de um outro ângulo
e quem sabe pousar em tua janela
e para ti cantar toda manhã

queria ser um pássaro
e visitar a morada de deus
e ouvir seus conselhos
e aprender novas canções
pois todo pássaro canta
e encanta essa tão monótona vida

II

se pássaro eu fosse
voaria pra bem longe
desse complicado mundo
sem saber ao certo
se um dia voltaria

III

queria ser um pássaro
e cagar (sem querer?)
na cabeça do presidente

eu diria:

– foi acidente de percurso

ele sem entender a linguagem dos pássaros
xingaria:

– *&%#@

e da sacada me aplaudiriam:

clap clap clap clap clap clap clap clap clap clap clap clap clap clap
clap clap clap clap clap clap clap clap clap clap clap clap clap clap
clap clap clap clap clap clap clap clap clap clap clap clap clap clap
clap clap clap clap clap clap clap clap clap clap clap clap clap clap
clap clap clap clap clap clap clap clap clap clap clap clap clap clap
clap clap clap clap clap clap clap clap clap clap clap clap clap clap

∞

IV

queria ser um pássaro
e escorregar pelas nuvens
sem medo de ser atingido por algum avião

queria ser um pássaro
ser amigo do céu

horizonte

(na vitrola: the beatles: *yellow submarine*)

olhar para o horizonte
sem encontrar o fim
olhar e saber
que a linha imaginária
continua sem fim

olhar para o horizonte e somente olhar
ando preso
acorrentado por correntes horizontais

p r

d

s l

o

estudo sobre margaridas

(rabisco em devaneio sobre ilustração de ed. ferrera)

I

uma mulher nua
desfila nua com seu chapéu
e mira
em mim
absorto pergunto aonde ela vai
porém ela em silêncio permanece
estamos sós (ela e eu)
eu a perguntar se ela compreende o enigma da esfinge
e ela a me indagar com o seu silêncio

II

nada faço
permaneço estático
admirando o seu olhar
sem palavras para me dizer
retorno a mim
e ela continua ali
com os olhos erguidos
e seus bicudos seios

III

seus pés avançam

à

frente

s m
e

pre

s

s

a

:

defrente n'alguma construção

talvez seja ela

parente de luzia-homem

talvez seja dela

o sangue-matriz de so(L)bral

**concerto n°1nico em mim maior para palavra e orquestra.
poema**

ao poeta de meia-tigela

I

desconcerto a palavra
e o movimento da caneta
e reconstruo a forma
absorta do poema
sou de dostoiévski
parente distante
já fui filósofo
hoje me contento
com o simples ofício de ser
este poeta
de
meia-
–tigela

II

escrita curva-linear
assim vou compondo
o (des)concerto
da palavra
sou maestro do contorno: palavresco

III

miravilha: reformulo o peso do mundo
transfigurando
a vida em sonetos:
decassilabos, alexandrinos e tigelíricos

IV

em turvas horas da noite
rogo a calíope
a inspiração
como sacrifício à deusa
ofereço sonetos
desconstruídos

uma tentativa de tradução, por chico

*ei, não se diz adeus dessa forma*²

[leonard cohen]

eu a amei pela manhã
com beijos ardentes e profundos
e aquele cabelo dela sobre o travesseiro
é como uma sonolenta tempestade dourada
muitos amaram antes de nós
eu sei que não somos originais
na cidade ou na floresta
eles não sorriem como nós
mas agora com a chegada da distância
que ambos devemos tentar
seus olhos estão úmidos de tristeza
ei, não se diz adeus dessa forma

eu não estou procurando por outra
tanto quanto me perco pelo tempo
caminho por esquinas
em que nossos passos eram ritmados
e você sabe que o meu amor está em você
assim como o seu está em mim
e apenas o caminho que tomou outro rumo
como a costa litorânea e o mar
mas não falemos sobre amor ou correntes
e coisas que não podemos desatar
seus olhos estão úmidos de tristeza
ei, não se diz adeus dessa forma

² Faixa do álbum *Songs of Leonard Cohen*, de 1967.

eu a amei pela manhã
com beijos ardentes e profundos
e aquele cabelo dela sobre o travesseiro
é como uma sonolenta tempestade dourada
muitos amaram antes de nós
eu sei que não somos originais
na cidade ou na floresta
eles não sorriem como nós
mas agora com a chegada da distância
que ambos devemos tentar
seus olhos estão úmidos de tristeza
ei, não se diz adeus dessa forma

o mar

(balada em dó menor)

I

o mar

fruto de sonhos
fruto de sal
fruto de suor
fruto de lágrimas

o mar

que abraça meu corpo
que recebe meu coração
que recebe minh'alma

o mar

é estrada é solidão é nostalgia

o mar

é tudo aquilo que não cabe
no breve espaço da página em branco

II

sinto o mar tocar meus pés
o mar abriga em suas profundezas
sentimentos nostálgicos
e a sua linha nos dá a impressão
de que existe apenas para
separar corações
o vento sussurra em meus ouvidos
que alguém me espera do outro lado do oceano
contemplo o mar e converso com o vento
como se fosse a última vez
uma lágrima passeia sobre meu rosto
e encontra-se com o mar

[(somos {todos} seres múltiplos de saudades)]

dissertação sobre o natal

[escrita e defendida por chico]

CAP. 1

dia 25 de dezembro
aniversário solar romano
aniversário de átis
aniversário de héracles
aniversário de krishna
dizem que cristo nasceu também nesta data

pena que não existia certidão de nascimento na época de cristo

autoridades comprovam que durante os três primeiros séc. não se comemoravam as festividades natalinas
essa festividade
começou a partir do quarto séc.
na então jovem religião católica,
como não se sabia ao certo a data que cristo nasceu
a igreja (tipicamente romana)
empurrou a data festiva
para o dia 25 de dezembro: nascimento do deus sol

[se fosse da vontade de deus celebrar o nascimento de seu filho ele teria registrado a sua data de nascimento porém a única data certa é a de sua morte que na última noite com os apóstolos instituiu que eles a lembrassem todo ano: 14 do mês de nisã]

se cristo nasceu em dezembro
como os pastores
poderiam estar nos campos
se este era um mês frio e gelado
impossibilitando assim
os pastores de saírem com seus rebanhos
(?)

CAP. 2

a utilização da árvore
na festividade natalina
nos reporta a germânia (800 d.c.)
as árvores
eram utilizadas
para substituir
os rituais de sacrifício ao deus odim
(odim: demônio das tempestades)
nessa mesma época
alguns países
adoravam árvores
que para muitos era um símbolo pagão de idolatria

há quem faça ligação do papai noel com são nicolau
mas qual a sua ligação com o nascimento de cristo?
- !!nenhuma!! -

(os noruegueses acreditavam que a deusa hertha sempre aparecia
pela lareira deixando no lar prosperidade)

CAP. 3

– 364 d.c.

natalis solis invicti:

festa em homenagem ao deus persa mitra

CAP 4

que o natal seja visto como ele realmente é que não possui ligação com a bíblia isso já é perceptível que junta vários contos populares isso também já é notado que tais fatos não sejam vistos como heréticos herético mesmo é o que andam pregando por aí e viva a festa do consumo é o período em que as vendas mais avançam no ano deve ser esse um dos motivos de ainda ser tão comemorada por aí o pagão natal.

ode à sulamita

Eu dormia, mas o meu coração
velava; e eis a voz do meu amado
que está batendo

cantares de salomão 5:2

I

eu não dormi aquela noite
passei pela noite seguindo o ritmo
das batidas cardíacas de minha amada
a voz de minha amada
é a força motora de meu barco a vela
navegar em seus lábios
é melhor que o vinho
minha amada é como a pomba
não a prendo em minhas mãos
ela é delicada linda graciosa e sutil
como a mirra exposta ao sol

II

assim como as muralhas de jerusalém
os braços de minha amada me protegem
ela me afaga com o mesmo cuidado
que um pastor afaga as suas ovelhas
o corpo de minha amada é um telhado
num dia de chuva protegendo uma casa
o seu cabelo é mais cheiroso e afável
que os campos do líbano
que deus me perdoe
por ter escrito o nome de minha amada
no caule do cedro de meu jardim

III

minha amada é majestosa
como os montes moriá sião e sinai
os braços de minha doce e amada sulamita
são navegáveis e afogáveis
como o mar mediterrâneo
a sua presença é mais refugiosa
que estar em en-gedi

IV

ela é a fonte dos jardins
ela é a força dos cavalos
ela é o eco das cavernas
ela é o horizonte
ela é o azul do mar
ela é o sol se pondo
ela é minha amada
sulamita

o poeta está só

(poema revisitado ®)

I

a solidão
é um naufrágio em si mesmo
é um estado de introspecção
a solidão é o momento antropófago do ser
ando só como um elefante
a beira da morte

nesse abrigo de poetas mortos
sou o único a permanecer anônimo

sou uma ilha rodeada de terra

sou poeta apenas quando estou
so-
zinho

II

não sou o poeta das multidões
nem dos milhões de leitores
escrevo para mim

volto à solidão
quando ponho o ponto final
no poema

a solidão é o estado que faz desabrochar a flor
a solidão é o quixote do poeta
sem solidão não existe poesia

o poema atraca em mim
como um navio chegando d'além mar

III

ao compor o poema
bato asas e voou para outro país
(transcendendo na solidão da escrita)
sou o vento que forma a onda do mar
na solidão da escrita vou além do toque real da vida

- mil solitários em um -

IV

poema:
habitante de mim
sobrevivente de mim

poema:
objeto tácteo
peça de museu

V

o poema

é

tudo

que

res

ta

rá

de

m

i

m

.

FAIXA BÔNUS

(na vitrola: john lennon: *jealous guy*)

por onde a n d e i
aqueles dias
de cabeça baixa
semblante umedecido
só deus sabe
o que eu carregava
nas costas e no coração

sou a metade do nada
estou só
sentado à mesa de um bar

[eu: chico:
estou a quatro goles do inferno]

